

EX-SISTO, LOGO SÔO

Eriton Araújo

O modo como soa o título do presente trabalho já nos faz suspeitar de que se trata de um aforismo. Mas, para que mais um aforismo para o sujeito da psicanálise? Se considerarmos o período do ensino de Lacan, no qual a ênfase se desloca do inconsciente à pulsão, vamos constatar que o “sou onde não penso” (LACAN, 1998, p. 39), proposto em 1964, não dá conta conceptual ou clinicamente do que foi desenvolvido no último período de sua obra. Isto porque neste período já não se trata de um esforço pela demonstração da dualidade consciente/inconsciente e sim pela *mostração* da relação inconsciente/pulsão, como se evidencia na sua citação de 1977: “a hipótese acerca de que o inconsciente seja uma extrapolação não é absurda e constitui o por quê do recurso de Freud ao que se chama a pulsão” (LACAN, 1977, inédito b, tradução nossa).

Este aforismo me veio na minha língua materna, o português: “Ex-sisto, logo sôo” (ARAÚJO, 2009b), única língua em que é homofônico a: “Existo, logo sou”. Insisto em destacar este fato, pois a *forçagem* que gerou o dito aforismo aconteceu a partir da homofonia, que somente é possível na minha língua, assim como a “uma-equivocação”, que em francês se diz “une-bévue”, através de um jogo translinguístico equivoca com a palavra alemã que Freud usou para o inconsciente: “umbewusste”.

A frase enigmática de Lacan: “que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (LACAN, 2003, p. 448), como bem lê Vegh (2008), aponta para que:

Em “do que se diz”, “que se diga” fica esquecido, não esclarece, não especifica se para o falante ou para quem o discurso se dirige, permitindo que a leitura valha tanto para quem o diz como para quem escuta, pois acontece que quando alguém fala não só o escuta o outro como ele mesmo se escuta, vale para ambos os lados (p. 27, tradução nossa).

Esta frase, juntamente com a última definição lacaniana da pulsão: “as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer” (LACAN, 2007, p. 18), justificam o quiasma de

Harari: “Jamais me audicionas de onde te falo” e “o que escuto nunca é o que quero ouvir” (2009a, p. 176, tradução nossa), proposto para mostrar a esquizofrenia da fala e da voz. “que se diga” se refere ao dizer, ao Real da linguagem, ou melhor, à “Realinguagem”, segundo Harari (2007a, tradução nossa). O dizer está no que se ouve, a meu entender, a partir da leitura que faço, o dizer não se escuta, se *audiciona*, se ouve. Mas, o que se poderia *audicionar*? Todos os equívocos que resultam do que *lalangue* sustenta de rimas e aliterações. A modulação, o timbre, a cadência, os contrapontos tonais, entre muitas das figuras de dicção, que não são consideradas por Lacan como formações do inconsciente. Então, não se trata somente de escutar o significante, o dito, mas também de *audicionar* o que *ex-siste* ao dito.

O objeto *a-voz*, devido a todos os seus paradoxos, de acordo com o referido quiasma, remete à idéia de Lacan (1998) de que “atravessar o fantasma fundamental levaria alguém a aceder à pulsão” (p. 258). Se o objeto da “pulsão fonante” (HARARI, 2007b), o objeto voz, é emissivo, só poderíamos considerar que para o analisante o mesmo só ecoa no corpo pelo fato de que há um dizer, que *ex-siste* a seu dito.

Mas, de que sujeito estou falando? O sujeito da psicanálise ainda é o sujeito do inconsciente? Este sujeito, que para Lacan (Inédito a) até um certo momento de sua obra, é representado por um significante para outro significante, em uma cadeia que tenta “dar conta” do núcleo traumático que Freud imaginava ser a verdade? Isto é o sentido, que é o que ressoa com a ajuda do significante. Mas o que ressoa, nos adverte o último Lacan, “isso não chega longe, é mais bem frouxo. A metáfora, a metonímia, não têm alcance para a interpretação a não ser enquanto fazendo função de outra coisa, para a qual se unem estreitamente o som e o sentido” (Inédito a, p.56, tradução nossa). Por isso, a tarefa do analista não deve resumir-se a devolver ao analisante os significantes de início, escutados a partir da sua fala, tomados ao pé da letra.

Lacan (2007) considera que, se há um saber em questão, não é mais do que o saber obtido da aprendizagem que o sujeito sofreu de uma língua entre outras, a que é para ele *lalangue*, na esperança de *ferrar, a ela* “ferrer, elle” *lalíngua*, o que equivoca com *fazer-real* “faire-réel”. O objeto *a-voz*, que se origina no magma sônico, na língua de Eva, na *lalação* da mãe, ou da *Madam*, e não no suposto nomear por *Adam*, como joga Joyce (LACAN, 2007, p. 13). É distinto de um saber inconsciente, pois não se trata de um saber Simbólico que se produz no lugar da verdade, se trata de um *saber-fazer-ali-com a Realinguagem* (HARARI, 2009b, tradução nossa). O discurso da psicanálise é um discurso sem palavras, mas com objeto *a-voz*. O saber produzido em uma análise não é um saber inconsciente, simbólico, que faz borda ao redor do buraco do Real ou do núcleo traumático de Freud, e sim se trata do que é produzido nos núcleos turbilhonários gerados no discurso do analisante, devido à *forçagem*, à violência feita contra a linguagem estruturada, a partir do *audicionar* do analista.

Para Lacan (2003) “a topologia não foi ‘feita para nos guiar’ na estrutura, ela é a estrutura – como retroação da ordem de cadeia em que consiste a linguagem” (2003, p.485), pois a estrutura é o Real que vem à luz na linguagem. Então, o sujeito da psicanálise não seria estruturado como a *Realinguagem*? O “significado” do dizer não é nada senão a *ex-sistência* ao dito.

O corte significante, o ato analítico, que separa o sujeito do inconsciente do objeto *a*, a banda de Moebius do disco, no Cross-cap (Figura 1), é a linha sem pontos que corresponde à borda da banda de Moebius que está colada ao disco, ou seja, ao ponto fora de linha. Isto mostra a intervenção do analista. Mas, como poderíamos mostrar as incidências do analista, ou seja, como o corte depende e é gerado a partir do “fônico”? Para isso, proponho o Estranho Atrator de Lorenz (Figura 2), pois no mesmo não temos um corte específico que separa o sujeito “\$” do objeto “*a*”, como no Cross-cap. Ao invés disso, temos a incidência das voltas que nunca coincidem com a trajetória das voltas anteriores, mas que giram ao redor de um

eixo, mostrando a redução pontual do sujeito ao objeto *a-voz*, pois não se trata de uma separação e sim de uma indiferenciação momentânea que acontece através dos “núcleos turbilhonários” (HARARI, 2001, p.41, tradução nossa), no qual o sujeito recebe sua própria mensagem de forma invertida, do buraco do objeto *a-voz* (ARAÚJO, 2009a, p.187).

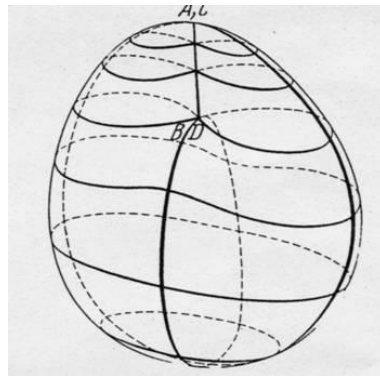


Figura 1 - Cross-Cap. Fonte: GOOGLE

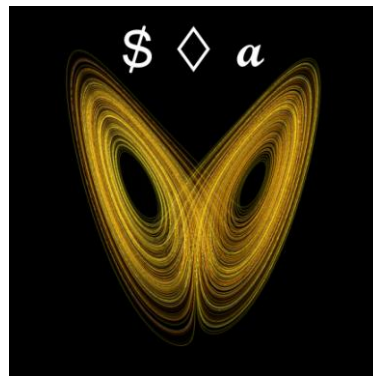


Figura 2 – Estranho Atrator de Lorenz. Fonte: GLEICK.

Quando o analista se utiliza da operatória da *forçagem*, colocando o analisante por um instante na posição de objeto *a-voz*, consegue como efeito da incidência, uma abertura benéfica, fazendo soar outra coisa que não o sentido.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Eriton. Das Unheimliche - Lo Sospechoso In: FEINSILBER, Edgardo (Org.) **Lo inconsciente la una-equivocación: cortes, conexones y derivas**. Buenos Aires: Ediciones Mayéutica, 2009a.

ARAÚJO, Eriton. Palavra, violência, atração In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICANÁLISE DA UFC, 5, 2009, Fortaleza, **Anais**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009b, 1 CD-ROM.

GLEICK, James. **Caos: a criação de uma nova ciência**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

HARARI, Roberto. **La pulsión es turbulenta como el lenguaje: Ensayos de Psicoanálisis Caótico**. Barcelona, Ediciones del Serbal, 2001.

HARARI, Roberto. **Palabra, Violencia, Segregación: y otros impromptus psicoanalíticos**. Buenos Aires: Catálogos, 2007a.

HARARI, Roberto. Vocología psicoanalítica: el Realenguaje In **Inconsciente y pulsión**. Buenos Aires: Letra Viva, 2007b.

HARARI, Roberto. La esquizia del habla y de la voz In FEINSILBER, Edgardo (Org.) **Lo inconsciente la una-equivocación: cortes, conexiones y derivas**. Buenos Aires: Ediciones Mayéutica, 2009a.

HARARI, Roberto. La inibición, incumbe solo al cuerpo?. **Lalengua**. Buenos Aires, ano V, n. 11, out. 2009b.

LACAN, Jacques. **Seminario L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre. 24**, aula de 19/04/77. Buenos Aires: versão da Escuela Freudiana de Buenos Aires, Inédito a.

LACAN, Jacques. **Seminario Le moment de conclure. 25**, aula de 15/11/77. Buenos Aires: versão da Escuela Freudiana de Buenos Aires, Inédito b.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. O aturdido In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sinthoma**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

VEGH, Isidoro. **Lectura de l'étourdit**. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 2008.

SOBRE O AUTOR

Eriton Luiz Araújo de Souza. Psicanalista. Membro de Mayéutica – Institución Psicoanalítica – Buenos Aires. Coordenador Geral do PADIN – Programa de Acomp. do Desenvolvimento Infantil – Iguatu/CE. Co-coordenador da pesquisa PREAUT no Ceará.